



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v4n12020p234-248

Submetido em: 13 mar. 2020

Aceito em: 9 abr. 2020

A inclusão digital de idosos e o êxito na construção de um curso de extensão

The digital inclusion of the elderly and the success in building an extension cours

Hênio Delfino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Brasília, DF – Brasil. E-mail: henio.oliveira@ifb.edu.br

Aline Gomes da Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) *campus* Planaltina, Brasília, DF – Brasil

Patrick Schimith Da Silva

Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) *campus* Planaltina, Brasília, DF – Brasil

Eduarda dos Santos de Sousa

Graduanda do Curso de Licenciatura em Biologia Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) *campus* Planaltina, Brasília, DF – Brasil

Resumo

O exposto trabalho aborda que no mundo informatizado é de extrema relevância que todos os grupos se sintam pertencentes a ele, não só para interesses pessoais, mas para a sua integração na sociedade. A internet se tornou um interessante espaço democrático ao discorrer sobre a promoção do acesso à informação e tem hoje importante papel na diversificação das formas de ensinar e aprender, entretanto, só tem acesso aos benefícios do mundo virtual, aquele que o domina minimamente. Ao tratar do manejo das novas tecnologias, cada geração lida de maneira diferenciada, por isso os que não são “nativos digitais”, no caso dos idosos, podem se sentir deslocados. As instituições de ensino são agentes transformadores da sociedade e o Instituto Federal de Brasília, *Campus* Planaltina é um delas. Nele foi proposto um curso de extensão denominado “Informática para a melhor idade”, objetivando promover a aprendizagem na área de informática básica para pessoas idosas. Das 15 vagas ofertadas, 12 foram preenchidas e 8 estudantes concluíram com êxito. Para eles, o curso oportunizou a aprendizagem dos conteúdos sobre informática e propiciou o sentimento de pertencimento ao grupo, criando laços de amizade e motivando para novos projetos.

Palavras-chave: Educação. Extensão. Inclusão. Informática. Docência.

Abstract

The exposed work addresses that in the computerized world it is extremely relevant that all groups feel belonging to it not only for personal interests, but for their integration into society. The internet has become an interesting democratic space when discussing the promotion of access to information and today has an important role in diversifying the ways of teaching and learning. However, only those who minimally dominate it have access to the benefits of the virtual world. When dealing with the management of new technologies, each generation deals in a different way, so those who are not “digital natives”, in the case of the elderly, can feel cool. Educational institutions are transforming agents of society and the Federal Institute of Brasília, *Campus Planaltina* is one of them. In it, an extension course called “Informatics for the best age” was proposed, aiming to promote learning in the area of basic informatics for the elderly. Of the 15 vacancies offered, 12 were filled and 8 students completed successfully. For them, the course provided the opportunity to learn about computer content and provided the feeling of belonging to the group, creating bonds of friendship and motivation for new projects.

Keywords: Education. Extension. Inclusion. Computing. Teaching.

1. Introdução

A internet se tornou um interessante espaço democrático ao tratar da promoção do acesso à informação, e tem hoje um importante papel na diversificação das formas de ensinar e aprender. Entretanto, só tem acesso aos benefícios desse novo mundo virtual, aquele que o conhece e o domina minimamente. Assim, quando se trata do manejo das novas tecnologias, cada geração lida de maneira diferenciada e é comum, por isso os que não são “nativos digitais” podem sentir-se descolados quando a questão é essa nova forma de viver digitalmente incluídos, é o caso das pessoas idosas.

Um conceito interessante ligado a esta realidade é o de “cidadania digital”, que para Brandão e Tróccoli (2006), vai além do acesso ao desenvolvimento tecnológico, pois também deve incluir a inserção social e a participação democrática de pessoas nos ambientes virtuais, com direitos e deveres, ou seja, estar inserido digitalmente é um direito de todo cidadão. Um dos ambientes com potencial para a inserção dos idosos no mundo digital, são as instituições de ensino e como agentes transformadores da sociedade, podem adotar estratégias inovadoras e direcionadas para esse fim.

Para Sousa *et al.* (2011) em razão da característica reticular e não-linear da multimídia interativa, a atitude exploratória é bastante favorecida, sendo uma ferramenta ideal na pedagogia ativa. E se tratando de aprendizagem significativa, o conhecimento será verdadeiramente desenvolvido quando o estudante for de fato, envolvido no processo de ensino e aprendizagem, aplicando de forma presente na sua vida aquilo que aprendeu. Desse modo, é importante destacar que qualquer proposta de formação com foco na inclusão digital deverá fugir dos modelos educacionais baseados no exercício de poder do docente, que apresenta como base a comunicação unilateral, no exercício repetitivo e no controle do discente.

Nesse contexto, a utilização de tecnologias digitais no ensino só alcançará êxito se for usada de forma crítica, ou seja, se estiver associada a cada realidade educativa, sendo fundamentada nos princípios pedagógicos e na concepção de ensino e aprendizagem. Com base nisso, o curso FIC (Formação Inicial e Continuada em Informática) para a melhor idade, procura criar um ambiente institucionalizado para a promoção da autonomia digital de pessoas idosas, conforme será tratado ao longo deste texto.

2. A inclusão digital de idosos

Em um panorama da sociedade moderna, foi gerado o estereótipo no qual a ideia de que pessoas da terceira idade não devem se preocupar em realizar novas atividades, ou que acima dos 60 anos a prioridade desse grupo deve ser descansar e viver em prol do tratamento de possíveis doenças. Atitudes como essas são prejudiciais, visto que esse público continua com grande capacidade intelectual, produtiva e com diferentes objetivos de vida. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a expectativa de vida para 2018 era de 76,3 anos, mostrando assim uma possível longevidade, com muitos anos para se aprimorar e iniciar novos projetos.

Com a necessidade de mudar esse estereótipo contra os idosos, em 2016, a CDH (Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa), aprovou o PLS ((Projeto de Lei do Senado) 126/2016, determinando que o símbolo utilizado para a identificação preferencial de idosos não fosse mais pejorativo, nem nivelasse todos os maiores de 60 anos como cidadãos frágeis. Essa proposta é de autoria do Senador Waldemir Moka do PMDB-MS (Partido do Movimento Democrático Brasileiro em Mato Grosso do Sul) e esta sugere que:

A identificação de idosos, exposta junto a assentos reservados no transporte coletivo e caixas de bancos, por exemplo, seja expressa com pictografia baseada objetivamente na idade mínima de 60 anos, e não mais com a figura de alguém arqueado sobre uma bengala, atualmente empregada na comunicação visual para identificar esse grupo. (SÍMBOLO..., 2018).

Após a aprovação do Projeto, uma nova simbologia foi proposta como mostra a Figura 1 abaixo, para que a mesma lei que foi criada para proteger esse grupo, não cometa o erro de promover constrangimentos e preconceitos.

Figura 1. Antes e depois da simbologia que representa dos idosos



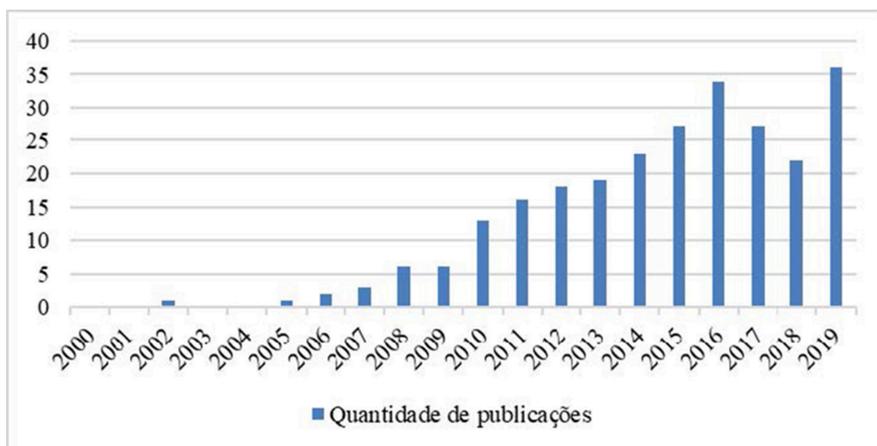
Fonte: Símbolo... (2018)

Segundo o Estatuto do Idoso na Lei nº 10741/03, de 1º de outubro de 2003, idoso é aquele com idade igual ou superior a 60 anos. No artigo 20 desse Estatuto, o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral e o assegura por lei e por outros meios públicos, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental, e ainda seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social como também em condições de liberdade e dignidade.

Todavia, a dificuldade para entender a nova linguagem tecnológica pode gerar um problema social e o idoso, por vezes, retorna ao caminho da educação na perspectiva de uma atualização cultural para uma reaproximação social e isso fortalece propostas de criação de cursos pensados para esse público. Assim, se os idosos têm seus direitos definidos, logo a ideia de criar um curso de formação inicial e continuada para eles é também uma forma de promover a garantia desses direitos. Desse modo, deve haver um foco no desenvolvimento de competências e habilidades na área de informática básica, como o curso Informática para a melhor idade se estabelece.

Seguindo esse aspecto, a nomenclatura “melhor idade” foi escolhida para que o limite da classificação dos idosos, definida também pela OMS (Organização Mundial de Saúde), seja relativizada, ou seja, para que esta ação de extensão alcance todos aqueles que estiverem com idades próximas de 60 anos. Dessa maneira, estão na melhor idade todos os que são idosos e os que estejam próximos dessa nova etapa da vida adulta.

Ao realizar uma sondagem a respeito das publicações relacionadas à palavra-chave “inclusão digital de idosos” em uma ferramenta de pesquisa do Google Acadêmico, entre 2020 e 2019, foi possível identificar o crescimento no número de publicações. Esses dados refletem a necessidade de pensar sobre os desafios e as potencialidades ao incluir os idosos digitalmente, como propõe a ação de extensão apresentada nesse texto.

Gráfico 1. O volume de trabalhos vinculados à expressão “inclusão digital de idosos” em trabalhos acadêmicos entre os anos 2000 e 2019

Fonte: Google Acadêmico (abr. 2020)

O IFB (Instituto Federal de Brasília), local de oferta do curso, tem entre suas finalidades e características institucionais, conforme o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), ofertar educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades. Para assim, formar e qualificar cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, além de ser uma das maneiras de promover a oferta da educação para o desenvolvimento descrito é através da extensão. Ainda sobre o formato do curso, a portaria normativa nº 006 em 15 de setembro de 2016, estabelece que a promoção desses FIC (Cursos de Formação Inicial e Continuada) são uma das ações de extensão possíveis e sendo assim, o curso de formação continuada Informática para a melhor idade se respalda.

O *Campus* Planaltina, possui característica pluricurricular e multicurso como eixo tecnológico nas Ciências da Natureza, com uma abordagem diversificada em Agropecuária, Agroindústria, Agroecologia e Biologia. Nesse rico ambiente estão inseridos estudantes com diferentes perfis e essa característica é extremamente positiva, mas gera desafios para a instituição de ensino como um todo quando se trata da eficácia da inclusão e como já explanado, um dos grupos que demanda atenção é o dos idosos.

3. Informática para a melhor idade: a construção da proposta pedagógica

A criação de um curso de extensão na área de informática para a melhor idade surgiu a partir de uma conversa entre uma estudante do curso de licenciatura em biologia e seu orientador. Na ocasião, ambos perceberam que alguns idosos não possuem quaisquer habilidades com informática, mas possuem um enorme desejo de aprender. Em um dos casos observados, uma idosa havia

pedido para que sua neta a ensinasse a usar o celular e suas principais funções, porém antes que a neta pudesse atender ao pedido, a senhora faleceu sem conquistar seu objetivo. Por isso, criar um curso para esse público se tornou o foco da equipe que estava surgindo naquele momento.

Para esse curso, as etapas da aprendizagem deveriam ser pensadas de forma que atendesse o progresso gradativo e individual dos estudantes. Sobre isso, Vargas (2004), descreve que o tempo pedagogicamente necessário para o processo de assimilação do conhecimento refere-se à distribuição do conteúdo em níveis, respeitando as progressões pedagógicas e, principalmente, as características particulares e os anseios de cada grupo ou pessoa que serão mediados no processo educativo.

Desse modo, a atividade foi elaborada em quatro etapas: composição da equipe, reconhecimento da proposta de extensão, submissão e implementação. A primeira etapa sobre composição da equipe se deu de maneira imediata, pois o docente orientador já mediava um grupo de estudos acadêmicos sobre a temática inclusão escolar com vários acadêmicos do curso de licenciatura em biologia, entre eles, os três que aceitaram o convite para a construção coletiva do curso FIC (Formação Inicial e Continuada). A segunda etapa relacionada ao reconhecimento da proposta de extensão, focou nos aspectos do público que seria atendido, assim como o limite de estudantes por turma (15 pessoas), a carga horária total do curso presencial de 40 horas e seu cronograma apresentando dois encontros por semana, com duração de 4 horas cada um.

Nesse momento, também houve um reconhecimento da estrutura física do laboratório de informática do *Campus* Planaltina, identificando as características dos computadores que estavam em boas condições, assim como seus programas e a existência de internet com boa velocidade. Assim, o projeto foi registrado no segundo semestre de 2019. Na fase seguinte da submissão da proposta, foi encaminhado o PPC (Plano Pedagógico do Curso) à coordenação de extensão do *Campus*, além de passar pela hierarquia local através do diretor geral que emitiu o ato autorizativo nº 001/2019 em 15 de agosto de 2019, após aprovação. Nesse momento, a ementa do curso estava finalizada, como pode ser percebido no quadro abaixo:

Quadro 1 - Matriz curricular do curso FIC (Formação Inicial e Continuada) de Informática para a melhor idade

Etapas de aprendizagem	Atividades	Observações
<i>Hardwares</i>	Ligar, desligar, conectar monitor, <i>mouse</i> , teclado e verificar eventuais problemas na correta montagem do equipamento.	
<i>Softwares</i>	Criar e editar documentos de texto, utilizar a internet para acessar informações, visualizar vídeos, criar <i>e-mail</i> , fazer <i>upload</i> e <i>download</i> de arquivos, aprender sobre segurança na internet.	Criar apresentação de <i>slides</i> com fotos autorais tiradas no <i>Campus</i> Planaltina.

Fonte: Dados dos autores (PPC - Plano Pedagógico do Curso)

No PPC (Plano Pedagógico do Curso), também foram apresentadas as regras para a aprovação e certificação dos estudantes, tornando-se necessária a presença de pelo menos 75% das aulas e obter a menção “apto” ao final das atividades. Portanto, a equipe definiu então que a avaliação seria continuada e que não haveria provas escritas, orais ou qualquer instrumento avaliativo que interrompesse as atividades de aula. Para que assim, essa prática pudesse contribuir otimizando o tempo do curso e retirando o peso da aprovação por nota, que é muito característica na educação tradicional.

Nesse sentido, a avaliação se deu de maneira contínua, ou seja, a partir da observação dos mediadores ao longo das aulas, com atenção nas aprendizagens externalizadas a partir das ações e falas dos alunos. Para um melhor registro dessas observações, foi utilizado o “diário de bordo” feito de modo *online* e compartilhado em documento eletrônico e com foco nas informações sobre as conquistas e dificuldades aprendizagem.

Por fim, a última etapa de implementação da proposta, se deu pela organização do edital de seleção dos estudantes. Os requisitos para o ingresso foram: ser contemplado no processo seletivo, ter idade maior ou igual a 55 anos, apresentar documento pessoal com foto no ato da matrícula e ser alfabetizado. A seleção ocorreu por “ordem de registro de interesse”, cujo canal de oficialização da disposição era exclusivamente por telefone e a confirmação da matrícula seria no primeiro dia de aula. Essa dinâmica foi pensada para otimizar o tempo e os recursos dos candidatos, pois ao telefonar e registrar o interesse, a equipe pode sanar as dúvidas do candidato antes mesmo do acesso ao curso, como objetivos, local do curso, dias e horários das aulas e certificação.

Para a efetivação da proposta foram convidados três mediadores acadêmicos da Licenciatura em Biologia. Esses educadores, que serão denominados como mediadores, acompanharam os discentes efetivamente durante as aulas e lidaram diretamente com as dificuldades, anseios e conquistas dos cursistas. Considerando a subjetividade de cada vivência, os mediadores registraram os seguintes efeitos apresentados nas falas abaixo:

Mediador A - [...] *O projeto me permitiu, sem dúvida, uma experiência excepcional. Primeiro que o ambiente foi diferente, com diferente temática da que eu estava acostumada na graduação, e segundo, o público-alvo, somente com discentes idosos. Isso nos fez ter uma abordagem didática e metodológica conforme a necessidade e dificuldade dos estudantes, a fim de alcançar os objetivos do projeto.*

Mediador B - [...] *Foi minha primeira experiência na docência e de impacto social significativo para o trajeto que ainda percorrerei na educação. Não só por nunca ter lecionado algo desta natureza na vida ou por a tarefa de educador ser extremamente difícil, mas por ter tido a oportunidade de sair da zona de conforto e aprendido a exercer empatia e paciência, algo que não estamos a utilizar corriqueiramente.*

4. O acolhimento e as aulas

Retornar à instituição de ensino após longos anos fora da escola é delicado, pois se a sociedade muda, a escola também muda. Por isso, o primeiro dia de aula é o mais importante, já que o estudante precisa sentir que agora faz parte daquele espaço e que as pessoas que o compõem naquele ambiente também os querem ali. Por essa razão, a primeira atividade foi conhecer os mediadores e neste momento, os estudantes expressaram suas motivações. Com base no quadro abaixo, as contribuições foram sistematizadas e divididas em quatro categorizadas: retorno à escola, potencial da internet, desempenho profissional e social e, por fim, *hobby* e entretenimento.

Quadro 2 – Motivação para realizar o curso

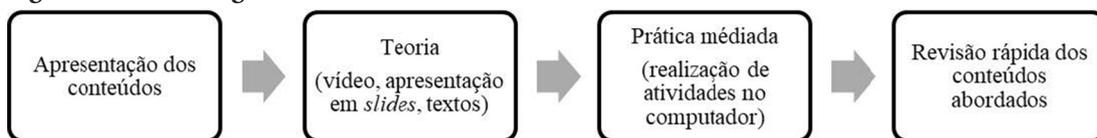
Motivação	Metas com os conhecimentos a serem adquiridos no curso
Voltar a estudar	- Ter motivação para novos objetivos e estar inserido novamente no ambiente acadêmico.
Aproveitar o potencial da internet	- Ter segurança ao acessar os diferentes <i>sites</i> na internet. - Realizar pesquisa de preço para produtos de meu interesse, como passagens aéreas, hospedagens e hotéis, entre outros. - Fazer orçamento de material ou matéria-prima para artesanato ou empreendimento. - Realizar compras <i>online</i> de maneira segura, aproveitando os melhores preços e a comodidade de receber os produtos em casa.
Melhorar o desempenho no campo pessoal e profissional.	1) - Estar capacitado para buscar informações na internet a respeito do meu campo de trabalho, ou seja, ficar atualizando. 2) - Sentir confortável com a utilização da tecnologia no ambiente de trabalho, como computadores e máquinas de cartão de crédito e débito. 3) - Conhecer os meios seguros e possíveis para criar uma rede de contatos <i>online</i> com amigos, parentes e clientes que estão em diferentes localidades.
Desenvolver novos hobbies e conhecer novas formas de entretenimento.	4) - Desenvolver novas habilidades como: artesanatos, poesias, culinária. 5) - Conhecer diferentes lugares do mundo a partir de fotografias e <i>blogs</i> de viagem. 6) - Conhecer e acompanhar o trabalho de artistas dos diversos tipos. 7) - Apresentar minhas habilidades artísticas neste ambiente.

Fonte: dados da pesquisa

Nesse seguimento, se a equipe de mediação do curso sabia quais eram as motivações dos estudantes, a segunda etapa era aproximar esses estudantes da sensação de pertencimento à instituição. Para isso, eles receberam a blusa do uniforme escolar e a garrafinha para água, ambos com a marca da instituição e além de materiais escolares de apoio, como pasta, bloco de notas e canetas. Após o recebimento do *kit* escolar e todos uniformizados conforme seu desejo, foi iniciada a terceira etapa com um passeio pelos espaços comuns da escola. O *tour* começou a partir do laboratório de informática, local de encontro para as aulas.

As demais salas de aula, banheiros, recepção, sala da coordenação pedagógica, sala da direção de ensino, sala dos professores, pátio escolar, refeitório e outros ambientes comuns da escola, foram apresentados sempre pausando para conversar rapidamente com os servidores desses setores, para que a instituição também saiba da ação que está sendo desenvolvida e conheça os novos estudantes. E assim, após o acolhimento inicia-se o curso conforme o plano de ensino elaborado a partir do plano de curso, de maneira coletiva, entre os mediadores. Assim sendo, a metodologia das aulas seguiu o seguinte fluxo como se pode observado abaixo:

Figura 2 – Metodologia das aulas



Fonte: Elaborado pelos autores

Uma das principais regras da mediação nas atividades para esse grupo, foi o cuidado em não infantilizar as aulas, uma vez que esses estudantes são adultos e não há qualquer problema em tratá-los como tais. Como pode ser percebido no fluxo da metodologia das aulas, além de revisar constantemente os conteúdos, o retorno das atividades realizadas corretamente deveria ser feito de maneira imediata, já que o estudante precisava ter clareza de como estava se desenvolvendo.

Outra regra estabelecida, é que mesmo existindo um cronograma básico, ou seja, com uma referência para o grupo, ainda assim cada estudante deveria focar em seu desenvolvimento individual, demandando mais tempo em algumas atividades ou avançando em outras antes do esperado pelos mediadores. Para o segundo caso, atividades complementares foram propostas, tais como: escrever poemas em documento eletrônico, formatar textos eletrônicos, realizar pesquisa na internet com temática específica ou pesquisar vídeos em sites como o *Youtube*, por exemplo.

Na proposta de atividades pedagógicas era comum a inserção de jogos *online*, como foi no caso da prática de digitação, pois para uma correta posição e movimentação dos dedos, percebeu-se como necessária uma didática que estimulasse a curiosidade e despertasse motivação, já que para alguns, a digitação não era uma tarefa muito interessante. Se algumas dificuldades ficaram bem evidentes, outras não apareceram e mais uma vez ficou claro que cada grupo de estudantes, não só de idosos, pode se desenvolver de maneira única e essa lição deve ser clara na ação docente, como pode ser percebido na seguinte fala:

Mediador A - [...] *O desempenho dos idosos durante as aulas me surpreendeu positivamente. Formamos um preconceito quando ligamos a terceira idade com a tecnologia, por isso, achei que nossos estudantes teriam mais dificuldade, ou mesmo, apresentariam maior resistência.*

E, se o educador estiver disponível para mediar as atividades respeitando aquele grupo único, entenderá que a aprendizagem acontecerá de maneira significativa, como pode ser observado também na seguinte fala abaixo:

Mediador A - [...] *Ao final, percebi que pude aprimorar minha didática, nos formando enquanto professores, preparados para enfrentar a situação que vier, moldados a realidade. Desempenhando um papel de mediador, tendo como principal enfoque, aulas com troca de saberes, respeitando o limite de cada um.*

Por isso, conhecer o perfil do ingresso é a base para o planejamento e pode ser considerado como uma etapa do diagnóstico pedagógico, ação em que o docente e a equipe pedagógica reconhecem as características daquele novo grupo de estudantes.

5. O perfil do ingresso

Com o compromisso de mediar aulas para pessoas da terceira idade, foram notados vários aspectos que respaldaram a construção dos planos de aula, principalmente nos primeiros encontros, tais como: dificuldade de memorização, impaciência, medo e insegurança na utilização dos computadores e na realização de funções básicas, como ligar e desligar a máquina. Muitos relataram que possuíam computador em casa, mas tinham medo de usá-lo por receio de apertar algum botão que o danificasse. A partir das contribuições dos mediadores, percebeu-se que as dificuldades estavam presentes, mas que foram superadas conforme o tempo de cada um no ambiente de troca de saberes e crescimento coletivo:

Mediador A - [...] *A digitação deles agora está boa, lembrando que alguns não sabiam nem pegar no mouse na primeira aula. Além disso, baixaram imagens da internet, criaram pasta na área de trabalho e anexaram no e-mail. Em um momento da aula, foi compartilhado como eram enviadas as mensagens antigamente, a título de curiosidade por meio de mensageiros. É claro que nossos estudantes puderam dar uma aula para gente nesse quesito.*

A acessibilidade foi um dos pontos de atenção, já que os estudantes apresentaram dificuldades relacionadas com as visualizações de ícones e letras muito pequenas no computador, sendo necessário aumentar o brilho e a fonte para assim facilitar sua leitura. Aprender a adaptar a máquina à sua necessidade garante a autonomia do estudante idoso e além dos fatores de acessibilidade, os mediadores perceberam desafios ligados ao emocional de alguns, identificando como os fatores externos influenciam na aprendizagem, como pode ser ratificado na contribuição do seguinte mediador:

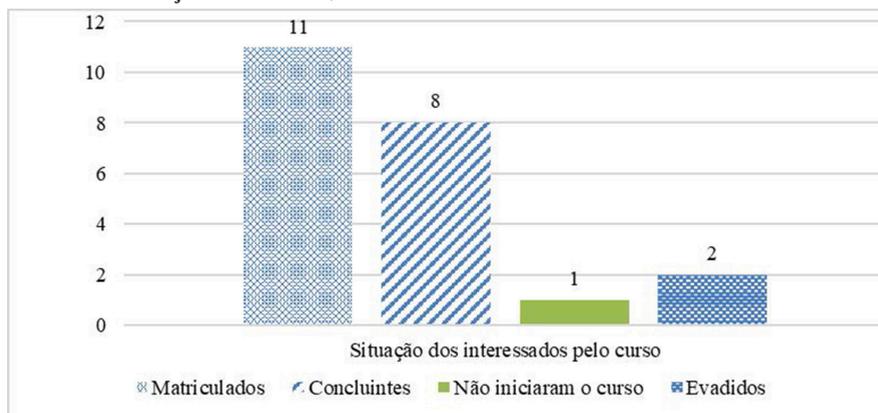
Mediador C - [...] *Tive a oportunidade de perceber o quanto este grupo de estudantes tinha sua emoção a flor da pele, sendo isso um ponto que teve de ser trabalhado de forma singular.*

Durante as aulas, notou-se a importância da interação entre os estudantes e a contribuição que ela proporcionava. Percebeu-se também, que à medida em que se relacionavam melhor, sentiam-se mais confortáveis e faziam mais questionamentos sem o receio de serem desprezados ou expostos, como pode ser percebido na seguinte contribuição:

Mediador C - [...] *Alguns estudantes relataram que o curso não só ajudou no quesito informática, mas também na parte social, gerando novos laços e fazendo se sentirem incluídos no mundo digital.*

O curso também se propôs a criar um ambiente que os estudantes voltassem a se socializar com pessoas de diferentes culturas, aprendendo entre si, já que todos tinham uma vasta experiência de vida e conhecimentos que foram sendo compartilhados conforme se conheciam, de receitas de bolos até como jogar golfe. Sobre o perfil que acessou a oferta apresentada, observou-se que o grupo foi formado predominantemente por mulheres, sendo que do total de concluintes, 8 (63%) eram mulheres e 3 (37%) eram homens. Com base no Gráfico 2 abaixo, dois estudantes evadiram e um não compareceu às aulas.

Gráfico 2- Relação entre êxito, evasão e abandono



Fonte: dados da pesquisa

Dos estudantes evadidos, um apresentou justificativa informando que se tratava de um motivo por adaptação, já o outro não respondeu aos contatos da equipe. Esse último apresentou um perfil de resistência às atividades propostas desde o início do curso, como por exemplo, escolher não usar a blusa do uniforme da escola e realizar o *tour* pela instituição, esse estudante também apresentou dificuldades em expor os motivos que o levou ao curso. Dessa forma, a equipe não conseguiu mediar de maneira satisfatória a permanência desse estudante, que logo virou evasão.

É importante refletir também, que problemas pessoais, sobre a aceitação da mediação de professores jovens e entre outros fatores, estão além do alcance da mediação pedagógica e em vista disso, não há muito o que fazer em um curto período de curso, como pode ser percebido na fala de um dos mediadores:

Mediador A - [...] *Apesar da turma alcançar êxito, uma aluna resistiu, se sentindo deslocada e com mais dificuldades no entendimento dos comandos, por isso foi embora antes que terminasse a aula e não voltou. Algo confirmado por ela. Por mais que eu tenha ido várias vezes na mesa dá suporte a ela, como meus colegas também. Em momento algum a deixamos desamparada.*”

Ainda sobre a evasão que ocorreu com um dos estudantes, outro mediador apresenta que:

Mediador B - [...] *Desenvolvendo essa atividade não tivemos só flores, também nos deparamos com situações não planejadas que nos fizeram questionar o êxito da proposta. A desistência de uma de nossas alunas foi uma delas, pois a mesma iniciou com o curso já fluindo, então apresentou dificuldades na hora da compreensão e execução de certas atividades, não teve paciência com suas dificuldades [...], embora os mediadores fossem sempre atentos e dedicados, não foi possível evitar a sua evasão, o que nos trouxe não só a perda de uma aluna, mas sentimento de frustração por questionar a competência no trabalho desenvolvido.*

Do grupo de estudantes, percebeu-se que todos deixavam seus afazeres para dedicar suas tardes às aulas, esses possuíam ocupações distintas e trajetórias de vida também. No grupo tinham aposentados, empreendedores, costureira, cozinheira, técnico esportivo e para além disso, muitos eram chefes de suas famílias. Apesar disso, os estudantes se mostraram muito dedicados e raramente faltavam às aulas, inclusive duas alunas concluíram o curso com 100% de presença. Ademais, o grupo se mostrou muito responsável com relação à presença e sempre que acontecia qualquer imprevisto e não pudessem comparecer à aula, entravam em contato imediatamente com os mediadores para avisá-los.

Com base em relatos, alguns estudantes disseram que antes do projeto se encontravam de alguma forma debilitados com as seguintes sensações: tristeza, solidão e falta de motivação, mas que logo após o início do curso, o quadro foi melhorando e possibilitou a vivência em um novo meio social, com a chance de aprender, interagir e superar, na medida do possível, seus problemas de solidão.

Ainda nessa perspectiva, Tassoni (2000) afirma que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas a partir de uma relação vincular, dessa forma os indivíduos vão construindo ou se apropriando dos conhecimentos por intermédio do outro. Ainda para mesma autora, a qualidade dessas relações sociais influi diretamente na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações. Com os vínculos afetivos, as aulas geraram motivação, pois eram agradáveis e prazerosas e o empenho deles denotou a sensação de bem-estar e desejo de estar ali, ficando claro então que o conhecimento era importante, assim como as amizades construídas.

6. Considerações finais

Com o mundo progressivamente informatizado e com as pessoas cada vez mais envolvidas com as tecnologias, é de extrema relevância que todos os grupos da sociedade saibam manusear esses veículos de comunicação, não só para suas manutenções pessoais, mas para sua real integração na sociedade. Inicialmente, por se tratar de uma proposta nova, o curso passou pela avaliação de diversos setores do IFB (Instituto Federal de Brasília) e, de maneira geral, alcançou resultados satisfatórios que demonstram potencial para a proposição de novas turmas. Mas, ao tratar do grupo atendido foi possível observar que mesmo com perfis e ocupações distintos, todos tinham os mesmos anseios pela emancipação digital.

De fato, o grupo chegou ao curso com diversas inseguranças quanto ao manuseio dos computadores, porém ao longo das aulas, foram desmitificando várias questões através do auxílio, dedicação e descontração das atividades preparadas pelos mediadores. Diante disso, verificou-se a importância de metodologias diferenciadas e direcionadas para atender esse público. Portanto, é inevitável a percepção das contribuições que uma proposta dessa natureza traz para vida do idoso, pois além de evitar os transtornos psicossomáticos comuns na terceira idade, estimula a exploração de suas potencialidades, resgata sentimentos de autovalorização, bem-estar social e possibilita novas experiências.

Sob essa lógica, para os idosos, essa experiência funcionou muito mais que uma abordagem de conteúdos para o aprendizado das funções básicas no computador, pois, com a velhice institucionalizada e todas as modificações decorrentes da idade, esse público enfrenta inúmeros processos de exclusão que vem desde sua família. Ou seja, o ambiente do curso se tornou também um ambiente de fortalecimento do sujeito como ser social, independente, com desejos e sonhos. Assim, o interesse dos estudantes, a dedicação, a participação e o desenvolvimento ao longo do projeto foram ótimos indicadores para julgar os resultados dessa proposta e para os acadêmicos da Licenciatura envolvidos nesse trabalho.

Tais indicadores não só serviram como estímulo para desenvolver cada vez mais um trabalho de excelência, como também trouxeram experiências positivas na área de suas futuras atuações. Entre as aprendizagens para esses acadêmicos estão: o respeito pelas diferenças no aprendizado, a paciência, a convivência, a empatia e a utilização de metodologias com base nas demandas individuais dos estudantes, experiências essas indispensáveis para a carreira de um futuro professor, seja qual for sua área de atuação. Sendo assim, para os acadêmicos mediadores, a aprendizagem se deu nas práticas pedagógicas quando perceberam que grupos podem ser estereotipados, mas que o educador deve lembrar que se cada pessoa é única, logo, cada grupo também será.

Os mediadores perceberam também, que para o grupo de idosos algumas questões são mais sensíveis do que para outros grupos, como fatores emocionais, insegurança, medo de exposição e por isso, aspectos da educação tradicional foram completamente retirados do curso. Assim, a avaliação escrita foi substituída pela avaliação contínua e a não necessidade de realizar trabalhos e atividades

em casa, já que aquele grupo era composto, em sua maioria, por chefes de família e suas demandas pessoais não precisavam ser prejudicadas por atividades que poderiam ser feitas durante as aulas.

Por conseguinte, o curso certificou 8 estudantes, mas para além disso, oportunizou à comunidade acadêmica do *Campus* Planaltina a convivência com mais um grupo de estudante e mais um tipo de oferta pedagógica, criando um ambiente com mais diversidade. À vista disso, é possível avaliar os resultados desse trabalho nas múltiplas expressões dos estudantes deixadas no último dia de aula: gratidão pela oportunidade ofertada, superação por terem chegado até ali, felicidade por todos os obstáculos vencidos, valorização, autoconfiança e esperança para novas expectativas com o futuro.

Referências

BRANDÃO, Maria de Fátima Ramos; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. Um modelo de avaliação de projeto de inclusão digital e social: Casa Brasil. *In*: BRAZILIAN SYMPOSIUM ON COMPUTERS IN EDUCATION, SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, SBIE, 2006. p. 537-546.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

IBGE. **Em 2018, expectativa devida era de 76,3 anos.** 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos>. Acesso em: mar. 2020.

IFB. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFB.** Disponível em: <http://www.ifb.edu.br/institucional/boletinsdeservico/137-institucional/12256-plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi..> Acesso em: mar. 2020.

IFB. **Portaria normativa nº 006, de 15 de setembro de 2016.** Dispõe sobre as áreas e linhas temáticas prioritárias da extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, IFB e revoga a Portaria Normativa nº 04, de 08 de julho de 2016.

SILVEIRA, Michele Marinho *et al.* Educação e inclusão digital para idosos. **RENOTE: Revista Novas Tecnologias na Educação**, 2010.

SÍMBOLO para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH. **Agência Senado**, 25 mar. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/25/simbolo-para-identificacao-de-idoso-nao-pode-ser-pejorativo-preve-projeto-aprovado-na-cdh>. Acesso em: mar. 2020.

SOUSA, R. P.; MIOTA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G. (orgs). *Tecnologias digitais na educação* [online]. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-estudante**. 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t>. Acesso em: jan. 2020.

VARGAS, Soyane de Azevedo. **Metodologia de ensino-aprendizagem para pessoas idosas**. *Revista virtual EFArtigos*, Natal, RN, v. 1, n. 17, jan. 2004. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org>. Acesso em: 15 jan. 2020.